

*"Le chevalier sans
peur et sans reproche":*

*O cavaleiro sem medo e
sem mancha - Essa era
a forma gloriosa como
os medievais intitula-
vam Bayard.*

*Neste número traze-
mos o relato da morte
do grande cavaleiro,
escrito por um dos
maiores historiado-
res contemporâneos*

Escrevem os leitores

"Prezadíssimos amigos! Há aproximadamente um ano estou recebendo de suas bondosas mãos este poço de cultura e instrução religiosa que é esse jornal "O Desbravador"... gostaria de dizer a vocês que a minha satisfação é tão grande ao receber esses jornais que se fosse necessário explicar a minha alegria ao recebê-los não sei como explicaria. Sou muito bom grato ao Rom Deus, e depois a vocês que tem me proporcionado essa grande graça de receber esse maravilhoso jornal, e intercedo a Maria Santíssima para que os abençoe cada vez mais em seus serviços... só espero continuar recebendo os ricos jornais "O Desbravador", que muito me tem ajudado a caminhar e a levar também uma boa mensagem aos meus irmãos".

MIGUEL FÉLIX DE ANDRADE
CRUZEIRO DO SUL - AC *

...Quando recebi o primeiro número gostei muitíssimo, pois fiquei conhecendo coisas que não sabia... esses jovens de hoje em dia não sabem o que estão perdendo, porque se todos lessem esta coisa linda, tenho certeza que iriam gostar, como eu e mais pessoas gostaram. Continuem com esse trabalho, e que Deus Nosso Senhor, e Nossa Senhora de Fátima, ajudem a vocês todos para não desistirem e que continuem unidos...

MARIA B. LEMES DA SILVA
SÃO PAULO - SP



..."Este jornal já está me ajudando... gostaria que publicassem mais coisas sobre Lutero... com mais tempo pretendo mandar redações... gostaria também que me enviassem a edição de Janeiro de 84... Obrigado"

CLÁUDIA R. F. CARNEIRO
JUNDIAÍ - SP

* "O Desbravador" chega assim ao sopé dos Andes, no extremo noroeste do Brasil, para maior glória de Deus, e em honra ao Coração Imaculado de Maria, e pelo triunfo da Santa Igreja.

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:
ANSELMO LÁZARO BRANCO

REDAÇÃO:
JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MARIA DO CARMO RUFINO
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI

EXPEDIÇÃO:
VALMIR DE CASTRO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
JORGE A. ORIS DE ROA
LAURINDO GONÇALVES

SUPERVISÃO:
CARLOS AUGUSTO VIEIRA

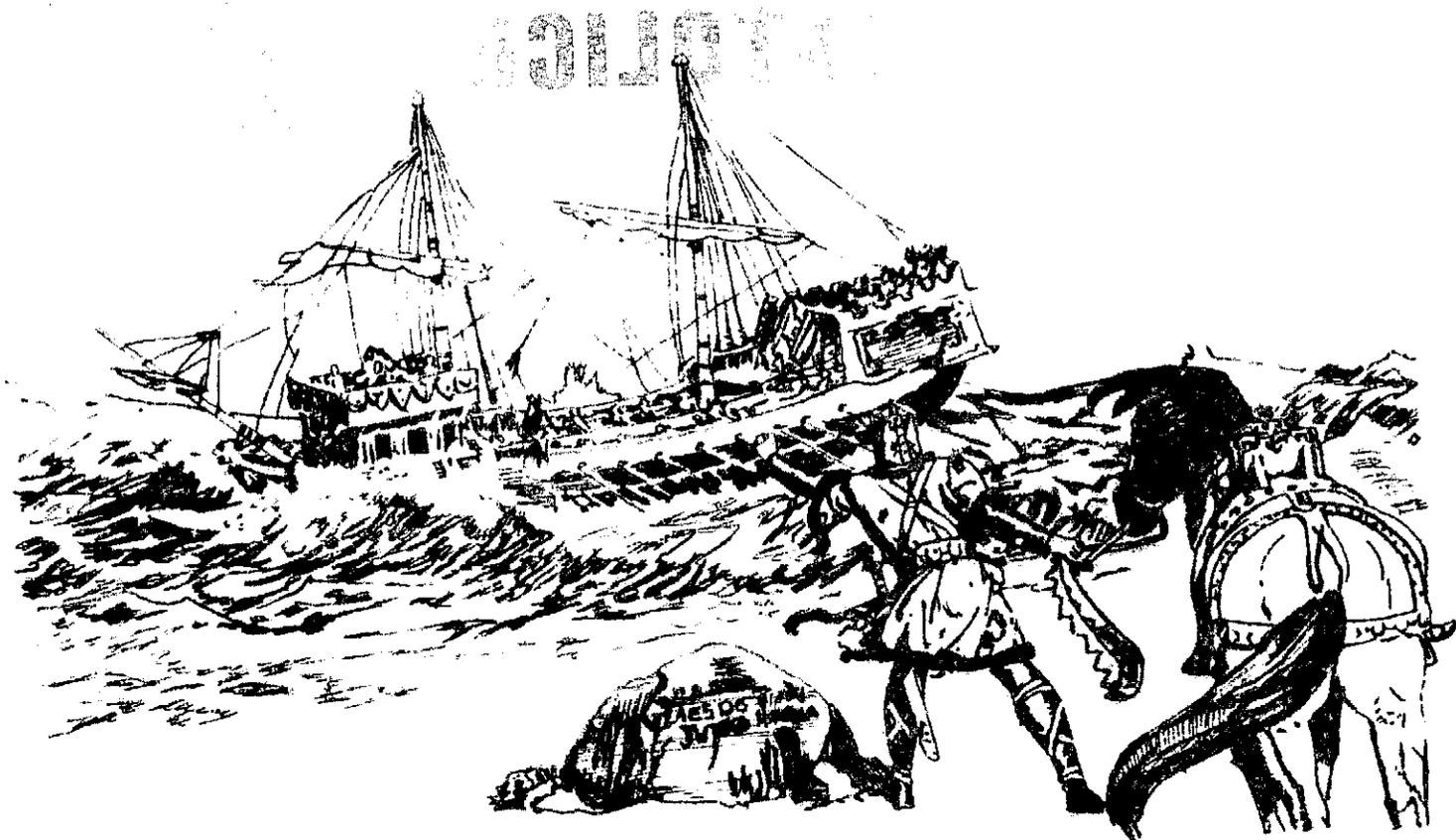
SECRETARIA:
MIHAÍLO MILAN SLATKOVIĆ
MAURO TAKESHI ENDO

CORRESPONDÊNCIA:
CAIXA POSTAL 6416
01000 - SÃO PAULO - SP

"Farás guerra aos inimigos de Deus, sem trêgua nem mercê"

(mandamento da cavalaria)

O do Journal



Uma das glórias da história do mundo e da Igreja Católica é a Cavalaria. Esta instituição, formada por soldados católicos, personificava a valentia, a dignidade, a coragem e de tal modo marcou sua existência, que ser cavaleiro passou a ser sinônimo de pessoa fina, educada, cortez.

No presente número contamos alguns fatos ligados à morte de Bayard, que era chamado o cavaleiro sem mancha e sem medo.

Tendo vivido no fim do período da cavalaria, de algum modo passou à história como representante dos ideais que esta instituição possuía, ou sejam coragem, destemor, fidelidade à palavra, à honra, à pureza.

Numa época como a nossa em que estes valores não mais se cultivam e além

disso são desprezados como coisas ultra passadas, como velharias a serem ridicularizadas é oportuníssimo mostrá-los e além disso enaltecê-los, e isso o fazemos mostrando o episódio acima descrito.

Ali se vêem exaladas as grandezas da Cavalaria Católica, que, de algum modo, cada um de nós deve ter e cada um deve viver.

O espírito cavalheiresco sumiu de nossos meios, ele faz falta, ele precisa reviver.

Queira Deus que ele ressurgja com as virtudes acima mencionadas. Que Nossa Senhora que quiou tantos cavaleiros no caminho da coragem, da honradez e do destemor, nos leve a adquirir o espírito de verdadeiros cavaleiros católicos que tudo enfrentem para fazer a causa da Santa Igreja triunfar.

*"Os guerreiros combaterão, e Deus dará a vitória"
(Santa Joana D'Arc)*

GUERREIRO

E CATOLICO

No campo de Aliscans, o exército cristão, comandado por Guilherme d'Orange - Guilherme do Nariz Curvo - tinha sido derrotado pelos sarracenos. Podiam-se contar apenas quatorze sobreviventes. Próximo a uma fonte, em um prado, jazia um jovem, quase menino, que apesar disto era um guerreiro que nunca havia recuado. Tratava-se de Vivien, sobrinho de Guilherme, a quem ele amava como a um filho.

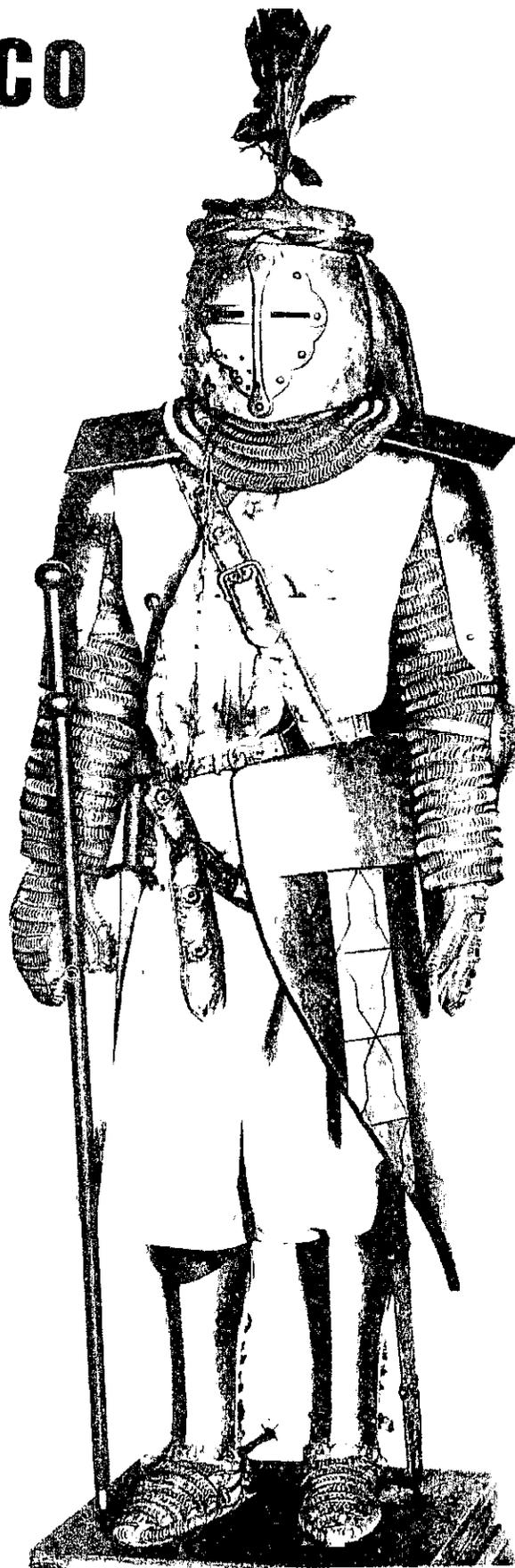
Percorrendo o campo de batalha ele reconhece Vivien e o crê morto, mas este faz um leve movimento. Docemente o nobre duque se inclina e lhe murmura ao ouvido:

- "Tu não gostarias de comungar Nosso Senhor Eucarístico?", e Guilherme lhe mostrou uma Hóstia consagrada. "Porém - continuou - é preciso que faças tua confissão".

- "Eu quero muito, respondo de uma voz fiaca, mas apressai-vos; eu vou morrer. Tenho fome deste pão, eis minha confissão. Não me recordo de uma só falta a não ser esta: eu tinha feito o voto de jamais recuar um passo diante dos pagãos, e tenho muito medo de haver hoje falhado com a promessa feita ao bom Deus".

Guilherme do Nariz Curvo tira a Hóstia de uma teca que trazia ao peito e a aproxima dos lábios entre-abertos de Vivien, cujos olhos se iluminam. A morte lhe desceu ao coração, quando acabou de fazer sua primeira comunhão.

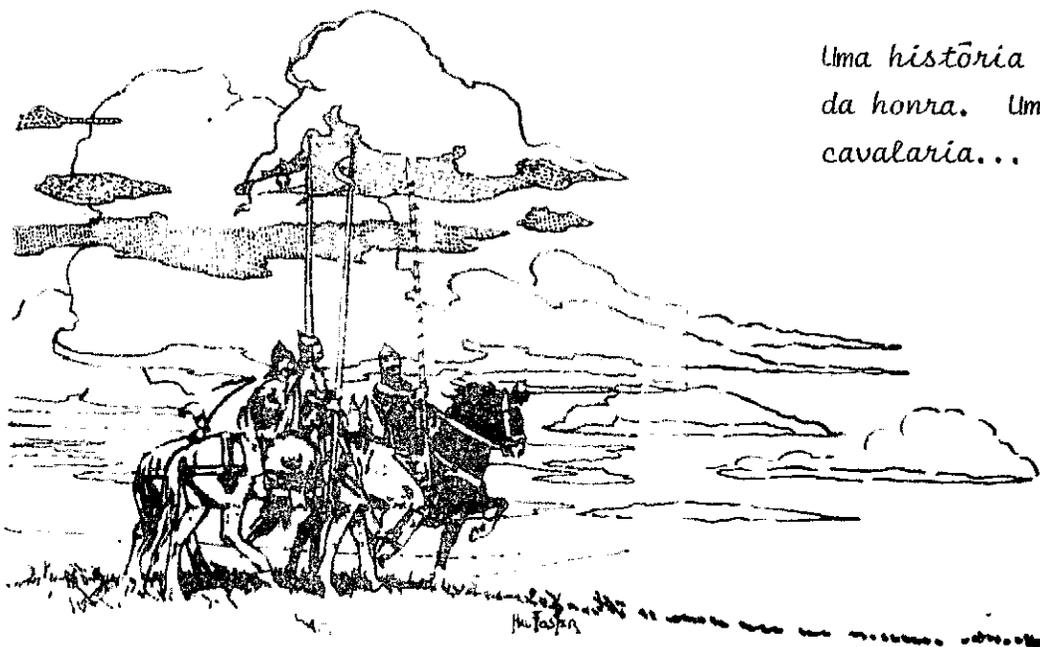
Féodalité et Chevalerie



"E MAIS PERFEITO E MAIS AGRADAVEL A DEUS, VIVER NA VIRGINDADE OU NO CELIBATO DO QUE CASAR-SE."

(Concilio de Trento XXIV, 10)

Uma história dos tempos da dignidade e da honra. Uma história dos tempos da cavalaria...



Assim morreu Bayard...

Os atiradores bascos eram excelentes. Dois tiros simultâneos: um prostrou por terra mortalmente Jean de Chabannes, senhor de Valdenesse; o outro atingiu Bayard e lho quebrou a espinha dorsal. "Senhor Jesus!", bradou, agarrando-se no arçã de sua cela para não cair. Aqueles que o rodeavam, ouviram-no ainda exclamar: "Senhor Deus, vou morrer!"

Correram para auxiliá-lo, mas todo socorro humano era agora impotente. Sentindo que suas forças o abandonavam, Bayard tirou sua espada que há tanto tempo o acompanhava em todas as pelejas e que havia tão bem lutado pela França, ergueu-a, contemplou-a, depois osculou a cruz que tinha o punho, como se quisesse associar, neste gesto, a devoção pelo Redentor e o amor pela arma do cavaleiro.

- "Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam", escapa de seus lábios contritos. Repentinamente, calou-se. Estava mortalmente pálido e oscilava na sela. Jean Joffrey, seu escudeiro, que há muito tempo o servia fielmente e o escoltava em todas as suas proezas, ajudou seu senhor a descer do cavalo.

À sombra do carvalho...

Bayard reabriu os olhos. Com um gesto mostrou um carvalho que havia por perto, e fez sinal de que queria repousar à sombra da árvore venerável. "De sejo esperar a morte vendo de frente meus inimigos", murmurou, "eu nunca lhes voltei as costas e, pela honra de cavaleiro católico não é agora que o farei".

"Meu filho, não mintas nunca, pois a mentira é um pecado que faz muito chorar"
(Dito medieval)



Um nobre aliado seu aproximou-se, suplicando a Bayard que se deitasse na maca que os soldados haviam feito com suas lanças; mas ele recusou.

Bayard se aproximava de sua última proeza: o encontro face a face com Deus. Dentre seus esforços ouviram-se dele esses gemidos: "Em cada movimento sinto as dores da morte que me vem buscar".

Seu escudeiro chorava, ajoelhado junto a seu senhor. Bayard, apesar de seu estado, demonstrando um afeto especial afagou-lhe a cabeça: "Jacques, amigo, enxuga essas lágrimas; é vontade de Deus que eu deixe este mundo. Por Sua graça eu nele fiquei muito tempo e recebi bens e honras imerecidos. A única

coisa que lamento é não ter cumprido meu dever tão bem quanto deveria. Se tivesse mais tempo, corrigiria as faltas passadas; mas se Ele me quer chamar agora, suplico-Lhe que se apiede de mim pela sua imensa misericórdia. Confio que pela intercessão de sua Mãe Santíssima Ele olhará para sua misericórdia e não para meus pecados, que pediriam Sua Justiça punitiva".

Os inimigos assomam ao longe, dirigindo-se em carga de cavalaria a Bayard e seus companheiros.

Querendo poupar sacrifícios a seus pares e súditos, Bayard instantemente pediu que o deixassem. Eles com galhardia não acederam.

Confissão

Então, o nobre cavaleiro pediu a seu escudeiro que o ouvisse em confissão, pois ali não havia sacerdote que pudesse escutar suas faltas e lhe dar a absolvição. Foi ao preboste de Paris, d'Alègre, que ele confiou seus últimos desejos.

Despedida dos seus

Depois disso, ele suavemente afastou de si os que o rodeavam: "Senhores, eu vos suplico, ide-vos; do contrário, caireis nas mãos dos inimigos e isto não me será de nenhum proveito porque me sentirei culpado. Adeus, meus bons senhores e amigos, recomendo às vossas orações minha alma pecadora. Eu vos suplico, senhor d'Alègre, que saudeis por mim o Rei, nosso senhor. Dizei-lhe quanto lamento não ter podido servi-lo por mais tempo e como eu muito gostaria. Saudai também os senhores príncipes, todos os meus companheiros e todos os gentís-homens da doce França, quando os virdes".

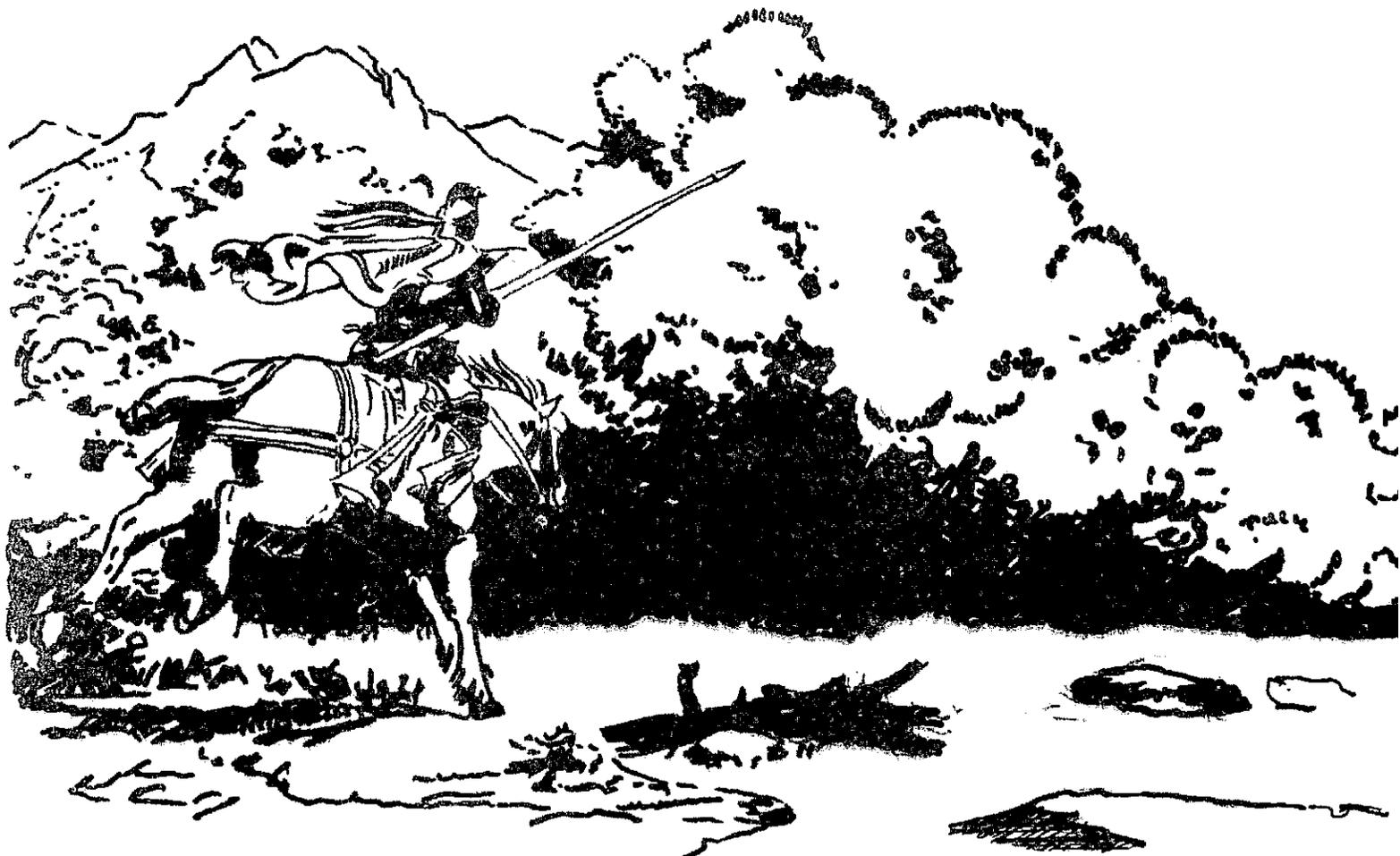
"Quem não tem Senhor está em muito má situação"

(Provérbio medieval)

Eles insistiram em ficar, segurando mesmo suas vestes, mas ele os repeliu com uma afetuosa insistência; e como quisessem resistir, fez um gesto: "eu ordeno" Docilmente eles se despediram. Entre lágrimas beijaram-lhe as mãos, enquanto crescia

o grupo de cavaleiros inimigos. via-se o brilho dos capacetes e o movimento dos estandartes.

Joffrey era o único junto dele. Bayard, exausto, fechara os olhos. O vento agitava os ramos do carvalho.



Quando Bayard, com dificuldade, reabriu os olhos, um cavaleiro coberto de esplêndida armadura, refulgente de sedas e penachos, estava diante de si. Bayard sorriu. Era um adversário digno dele, um bravo guerreiro: o marquês de Pescara.

O general espanhol estava admirado de ver um homem reclinado num tronco, junto ao qual chorava um menino. Quando reconheceu o Cavaleiro sem medo e sem mácula, o marquês desmontou rapidamente e se aproximou cheio de respeito e compaixão.

"Prouvesse a Deus, senhor de Bayard, que eu vos fizesse prisioneiro mesmo que para isso perdesse a quarta parte do meu sangue. Nesse embate que teríamos, conheceríeis o grande apreço que tenho por vossas qualidades. Desde que empunhei armas, não ouvi falar de cavaleiro que, em virtudes, se aproximasse de vós!" Assim falava ele por causa da grande fama que Bayard tinha adquirido pela sua vida de valor e devotamento. O que obrigava seus próprios inimigos a admirá-lo, respeitá-lo e temê-lo.

"Meu filho, prefiro ver-te morto a saber que cometeste um pecado"

(Branca de Castela, a seu filho São Luís)

- "Prefiro a simplicidade do campo de batalha, pois desejo morrer como o guerreiro que sempre fui".

Pescara acedeu. Para atender aos desejos do Cavaleiro, e le fez armar sua própria tenda ao redor da árvore, arrumou um leito e nele colocou, com suas próprias mãos, o inimigo ferido. Então, ali já não estavam dois guerreiros inimigos servindo causas opostas, mas dois cavaleiros, fraternalmente unidos pelo espírito da cavalaria, animados do mesmo ideal, que as circunstâncias tinham feito com que lutassem, embora nutrissem mutuamente uma admiração varonil.

Bayard não quis receber os médicos que se apresentaram para tratá-lo. Acolheu devotamente o capelão do marquês, ao qual renovou sua confissão feita minutos antes a Joffrey, seu escudeiro. Depois pediu que o deixassem sozinho.

Enquanto ele se recolhia, Pescara organizou seu exército em ordem de desfile. As ordens de comando ressoavam de uma extremidade à outra do esquadrão;



- "Eu deveria estar bem aliviado de vos ver assim, disse ainda o marquês, sabendo bem que nas guerras o Imperador, meu senhor, não tem maior nem mais feroz inimigo. Entretanto, quando considero a enorme perda que hoje sofre a cavalaria, Deus é testemunha se não é verdade que eu preferia dar a metade do que possuo, para que tal não acontecesse. Mas como para a morte não há remédio, peço Àquele que nos criou à Sua Imagem que se digne levar vossa alma para junto dEle".

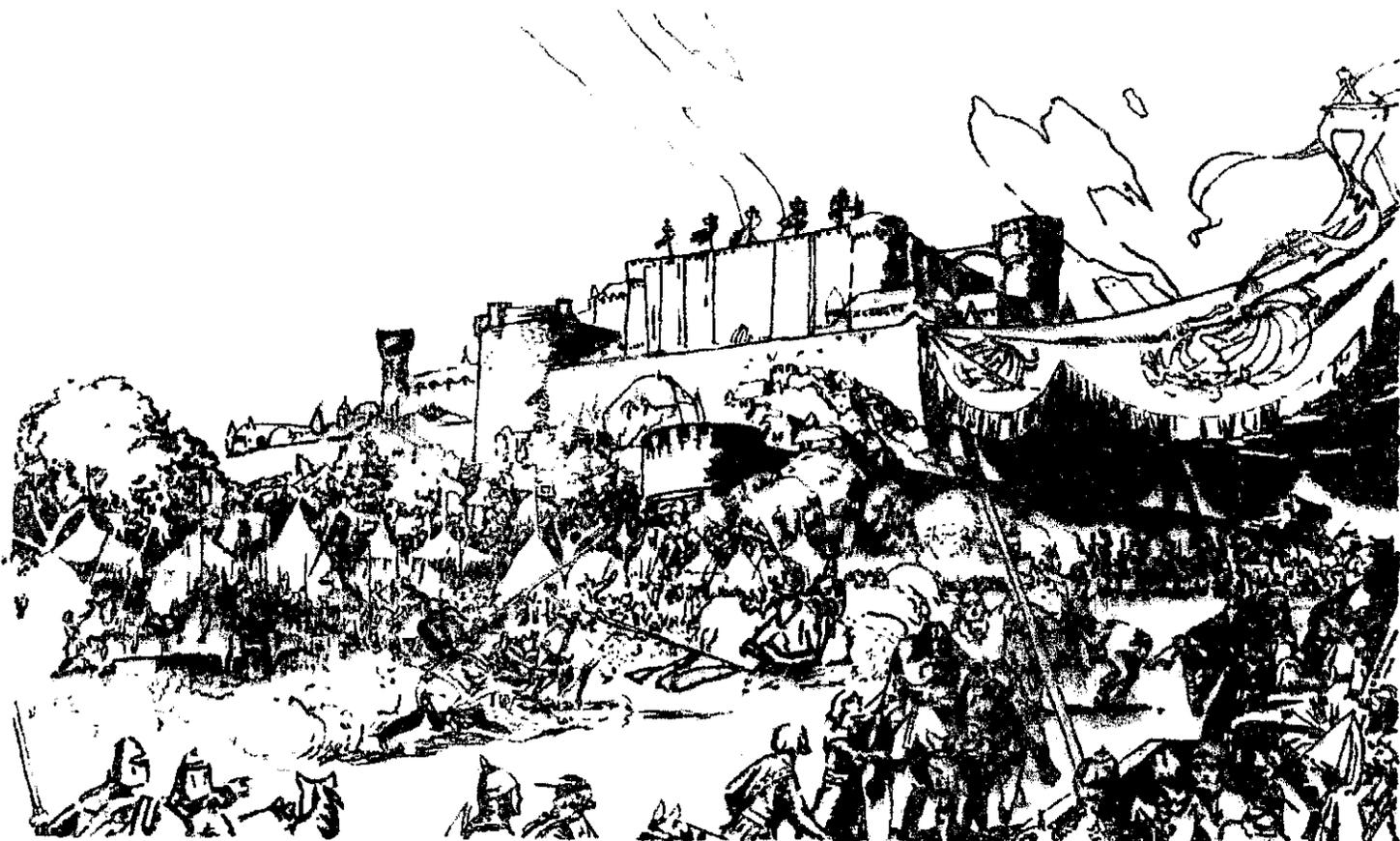
Em seguida insistiu para que deixasse levá-lo a seu castelo, assegurando-lhe que seus cirurgiões o curariam. Pressentindo que a morte lhe era certa, Bayard, apesar de seus ferimentos, declinou honrosamente o convite.

Jamais um gentil-homem usou convites tão amáveis e insistentes para atrair a seu castelo um nóbre hóspede. Bayard sabia que Pescara era sincero e que seria tratado como cavaleiro por esse inimigo honrado.



"Senhor, faça com que a mentira nunca passe pela minha garganta"

(Oração do Condestável Du Gesclin a São Luis)



ouvia-se o galope dos cavalos, o rufar dos tambores, o soar das trombetas. Todos esses sons familiares flutuavam ao redor do agonizante.

Irrompeu o som marcial de uma grande fanfarra, acompanhando o passo cadenciado dos cavalos e a marcha pesada dos inimigos de Bayard. O exército espanhol desfilava ante o Cavaleiro moribundo, inclinando seus estandartes no momento em que passavam pelo carvalho. Assim era o último Adeus de Pescara, a última homenagem de um bravo prestada a outro bravo.

- "A França tem uma perda irreparável neste nobre Cavaleiro, dizia François d'Avalos, antes de se despedir dele".

A noite caía. O rumor do exército em marcha se extinguía ao longe. Novamente a calma do crepúsculo e o silêncio rodeavam o carvalho. Bayard rezava.

Último encontro

Uma voz o arrancou de sua meditação. Uma voz familiar.

- "Ah! senhor de Bayard, que sempre estimei por vossa bravura e lealdade, muito lamento ver-vos neste estado!"

O rosto de Bayard tornou-se grave e hostil. Por que ser perturbado por tal homem, em tal momento? O condestável de Bourbon estava à sua frente. Em seu olhar havia uma sincera compaixão e também uma admiração sincera; talvez remorso.

O momento não era para explicações. Bayard não queria saber as razões que haviam levado este homem a combater num exército estrangeiro e contra seu Rei. Sem dúvida, Bourbon viera para se justificar, para explicar, mas Bayard não queria ouvi-lo. Ele não queria ouvir as explicações de um homem que havia cometido uma felonía em relação ao seu Rei.

Bourbon esperava uma palavra: um julgamento ou um perdão. Ele queria partir absolvido por este homem de honra. Mas Bayard desdenhou discutir.

"Serás por toda a parte o campeão do bem e da justiça, contra o mal e a injustiça"
(Mandamento da cavalaria)

- "Senhor, eu vos agradeço. Não tendes piedade de mim, que morro como homem de bem, servindo do meu Rei, mas sim de vós, que empunhais armas contra vosso Príncipe, vossa pátria e vossa fé".

Dito isto calou-se. Ele já estava acima de vãs querelas humanas, de ambições e de interesses; de guerras absurdas, de intrigas mesquinhas, de matanças inúteis. Bayard, agora, pertencia a Deus. Para Ele dirigia seus últimos pensamentos. A medida que se afastava da terra, ele se aproximava da pura luz da suprema verdade, das certezas definitivas. Ele rezava.

- "Meu Deus, Vós que distestes, eu o sei, que aquele que se voltasse para Vós, embora pecador, estaríeis sempre pronto a recebê-lo e perdôá-lo. Ah!, meu Deus, Criador e Redentor, eu vos ofendi gravemente

durante minha vida; peço-vos perdão com o coração contrito.

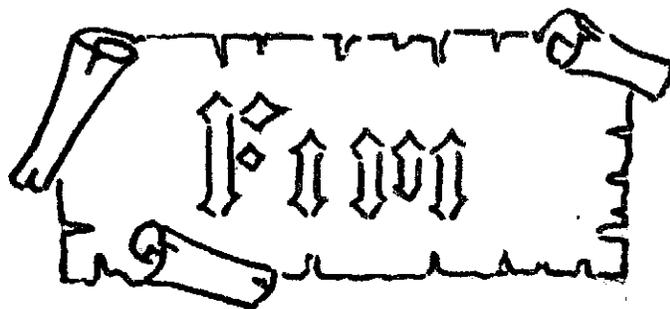
"Reconheço que, se me retirassem por mil anos no deserto, vivendo a pão e água, isso ainda não seria bastante para entrar em Vosso reino, se, por vossa grande e infinita bondade não vos dignásseis ali me receber, porque ninguém pode merecer neste mundo tão alta recompensa.

"Meu Pai e Salvador, eu vos suplico que não considereis as faltas que cometi. Julgai-me segundo vossa grande misericórdia e não segundo os rigores de vossa justiça".

O sol desaparecera. A noite caíra. A oração de Bayard interrompeu-se... O Cavaleiro estava na presença de Deus.

Marcel Brion

"Historia", nº 329, abril de 1974.



"A tristeza é o oitavo vício capital"

(Pensamento medieval)